

Editorial

Brunozi Júnior, Antônio Carlos; Azevedo, Ana Cláudia

Editorial

Administração Pública e Gestão Social, vol. 15, núm. 2, 2023

Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351574729015>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivar 4.0 Internacional.

Editorial

Antônio Carlos Brunozi Júnior
Universidade Federal de Viçosa, Brasil
acbrunozi@yahoo.com.br

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351574729015>

Ana Cláudia Azevedo
Universidade Federal de Viçosa, Brasil
anaazevedo@ufv.br

CAROS(A)S LEITORES(A)S,

Para a segunda edição de 2023 da APGS teremos um editorial diferente (e especial), com o intuito de promover reflexões. Em março foi comemorado, mais especificadamente no dia oito, o Dia Internacional da Mulher, e nós sabemos que, mesmo com a existência desse dia, ainda existem no mundo barreiras e preconceitos contra a mulher. Na academia e na ciência não é diferente. Diante disso, o editorial desta edição foi da nossa editora adjunta Ana Cláudia Azevedo, professora da Universidade Federal de Viçosa e também pesquisadora, que trouxe reflexões sobre a participação e vida da mulher nos ambientes de conhecimento e ciência.

Após a apreciação desse editorial, também faço o convite para a leitura de nossos artigos e casos de ensino. Saudações,

Ana Cláudia e Antônio Brunozi

Incluir genuinamente as mulheres na ciência faz parte da agenda pública e social

No último dia 8 de março, o secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, ao discursar pelo Dia Internacional das Mulheres, sublinhou a necessidade de diminuir as diferenças de gênero em ciência, tecnologia e inovação, afirmando que “a discriminação contra mulheres na ciência e na tecnologia é o resultado de séculos de patriarcado, discriminação e estereótipos danosos” [1]. Uma autoridade do cenário político internacional destacando uma realidade que, não contém em si, nenhuma novidade para as mulheres.

Os últimos dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) [2] indicam que apenas 30% dos cientistas no mundo são mulheres, e, se aumentarmos a lupa para focar as áreas de tecnologia e inovação, a presença de pesquisadoras cai para 20%. No Brasil, segundo dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as mulheres são três quintos da população com ensino superior, mesma proporção das bolsas de iniciação científica na graduação. No entanto, à medida que avançamos na trajetória acadêmica esses números caem para um terço, no caso das bolsas produtividade, e, apenas um quarto, se considerar as bolsas de nível mais elevado (1A) [3].

Esse afunilamento hierárquico a que nós mulheres estamos sujeitas é conhecido como “efeito tesoura” e apresenta causas variadas. Causas essas sob as quais não há espaço para se debater em um único editorial. No entanto, não posso me furtar a mencionar aquelas que considero principais: a questão da maternidade, a falta de representatividade, e, os estereótipos limitantes.

Primeiramente, é uma pauta já debatida a exaustão nos estudos de feminismo e gênero que de maneira geral as mulheres têm uma amplitude maior de atuação no âmbito dos cuidados com a família e os afazeres domésticos, e a carga mental demandada por essas atividades muitas vezes não é compreendida de maneira

apropriada no universo científico. Ter que dividir o tempo entre a academia e a família limita, ou até mesmo interrompe o trabalho das pesquisadoras. E por favor, vamos nos esforçar para não cairmos na armadilha de pensar que se trata de uma questão de escolha, por que não é. A maternidade não é uma escolha, é um direito. E ninguém pode ou deve ser prejudicado por isso.

A falta de representatividade é outro aspecto relevante que compromete a ocupação de espaços acadêmicos pelas mulheres. Nossa conquista por esses espaços já começou tardia, em comparação aos homens. Não obstante, a falta de reconhecimento entre os pares gera insegurança e dificuldade de confiar no próprio trabalho. Se no Brasil atual nos encaminhamos para equiparar o número de homens e mulheres na graduação, essa tendência deve se estender para os laboratórios, grupos e centros de pesquisas e cadeiras de prestígio dentro das instituições (a título de curiosidade, até o momento que esse editorial é escrito, nenhuma mulher foi presidente do CNPQ, e só em 2022 uma mulher chegou pela primeira vez à presidência da Academia Brasileira de Ciências).

É preciso deixar que as mulheres ocupem os espaços, se não pela equidade, pela eficiência. Afinal, é cientificamente comprovado que a ciência conduzida a partir de perspectivas diversas é muito mais impactante do que aquela feita de forma homogênea. Para alcançar o avanço científico é preciso considerar atributos diferentes na forma de ver o mundo, nesse aspecto a paridade só traz ganhos!

Finalmente, chamo a atenção para falsos estereótipos a que as meninas são expostas desde muito pequenas, e que as levam a não confiarem na sua capacidade, induzindo muitas vezes suas escolhas. Um estudo publicado em 2017 na revista *Science* ^[4] com crianças em idade entre cinco e sete anos identificou que a partir dos seis anos de idade as meninas começam a se achar menos inteligentes do que os meninos. Conforme a pesquisa, as meninas são menos propensas a acreditar que elas são “brilhantes”, e predispostas a achar que os meninos são mais inteligentes do que elas. Se analisarmos bem, esse tipo de percepção não é incomum e os predicativos costumam acompanhar o gênero. Pensem em quantas vezes não usamos termos como “alguém excepcional” para descrever um colega pesquisador com uma trajetória realmente exitosa. Já uma colega mulher seria vista na maioria das vezes como “muito esforçada”. Inquietante, não?

Bom, mas não para por aí, também em função dos estereótipos, meninas não são encorajadas a seguir carreiras em áreas STEM (sigla inglesa para ciência, tecnologia, engenharia e matemática), tornando a presença feminina ainda mais rara nesses campos de atuação [5]. De fato, as ciências sociais não estão na lista, mas, sendo a APGS um periódico voltado para a gestão pública e social, não podemos nos furtar a chamar a atenção para o papel que governos, setores privados e a sociedade civil de modo geral, têm de fomentar e apoiar movimentos que visem transformar essa realidade.

Nesse ínterim, destaco o papel importante das ações afirmativas, como bolsas de pesquisa e financiamento exclusivo para mulheres, o reconhecimento do período de licença maternidade no currículo Lattes, os grupos de nucleação envolvendo mães cientistas, a presença de creches nas universidades, o subsídio financeiro e material para apoiar participações em congressos e outros eventos científicos, extensivo inclusive, à rede de apoio das pesquisadoras, o resgate a partir do reconhecimento com exemplos e histórias de pesquisadoras mulheres e suas contribuições, enaltecendo que fazer ciência é para todos que tiverem aptidão, desde a primeira infância. E por fim, a quebra de estereótipos no próprio ambiente doméstico, formando crianças, e, sobretudo meninas, para serem e estarem o que e onde quiserem, sem qualquer delimitação de gênero.

Finalizo mesclando uma reflexão e um convite à mudança proclamado nos ideais da historiadora e professora Mary Beard, e da filósofa, escritora, professora e ativista Angela Davis:

“Não se pode, com facilidade, inserir as mulheres numa estrutura que já está codificada como masculina; é preciso mudar a estrutura. [...]”.

Mary Beard

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.

Angela Davis

REFERÊNCIAS

- Barros, Suzane C. V., & Mourão, L. (2020) Gender and science: An analysis of Brazilian postgraduation. *Social and Organizational Psychology*, 37(1), 1-12.
- Bian, L., Leslie, S. J., & Cimpian, A. (2017). Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, 355(6323), 389-391.
- Ferrari, N. C. *et al.* (2018) Geographic and gender diversity in the Brazilian Academy of Sciences. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. v. 90, p. 2543-2552
- Guedes, M. C., Azevedo, N., & Ferreira, L. O. (2015) A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. *Cadernos Pagu*, 45(1), 367-399.
- Oliveira, A. *et al.* (2021) Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Configurações – Revista de Ciências Sociais*, 27(1), 75-93.
- Verdugo-Castro, S., García-Holgado, A., & Sánchez-Gómez, M. C. (2022). The gender gap in higher STEM studies: A systematic literature review. *Heliyon*, e10300.

NOTAS

- [1] <https://news.un.org/pt/story/2023/03/1811047>
- [2] <https://uis.unesco.org/en/topic/women-science>
- [3] Oliveira, A. *et al.* (2021) Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq. *Configurações – Revista de Ciências Sociais*. 27(1), 75-93.
- [4] Bian, L., Leslie, S. J., & Cimpian, A. (2017). Gender stereotypes about intellectual ability emerge early and influence children's interests. *Science*, 355(6323), 389-391.
- [5] Verdugo-Castro, S., García-Holgado, A., & Sánchez-Gómez, M. C. (2022). The gender gap in higher STEM studies: A systematic literature review. *Heliyon*, e10300.